

Título: Suicídios Guarani Kaiowá: a ausência do território tradicional como obstáculo para a produção da identidade étnica

Title: Guarani Kaiowa suicides: the absence of the traditional territory as an obstacle for the production of ethnic identity

Autora: Giuliana Mattiazzo Pessoa

Afiliação Institucional: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Categoria: Estudante de Psicologia

Ano/semestre: 5º/10º

Resumo: Este artigo é uma síntese de um trabalho de conclusão do curso de Psicologia, cujo objetivo foi investigar a ocorrência de suicídios generalizados entre os jovens da etnia Guarani Kaiowá – localizada no Mato Grosso do Sul. A pesquisa aborda a relação desse fenômeno com a desapropriação desse povo de seus territórios tradicionais e como esse fato inviabiliza as condições necessárias para a produção de uma identidade étnica saudável e autodeterminada. Para articular essa discussão, foi utilizado o conceito de identidade da psicologia social e seus possíveis desdobramentos. Ainda, foi interpretado um possível pilar da identidade étnica Guarani Kaiowá - *o tekoha*. O artigo expõe uma breve revisão bibliográfica sobre os registros históricos dos Guarani Kaiowá no Brasil colonial até a República e no período dos anos 2000 até 2015, sendo este último período focado nos suicídios e na desapropriação dos Guarani Kaiowá de seus territórios tradicionais no MS, desapropriação essa, legitimada pelo governo brasileiro. A pesquisa apresenta dados quantitativos e qualitativos sobre os suicídios em questão, entre os anos 2000 a 2014. O método utilizado foi uma análise documental, sobretudo de fontes retiradas da internet. Os principais autores consultados foram Antônio Ciampa, Émile Durkheim, Sigmund Freud, Viveiros de Castro e Valdelice Veron.

Palavras-chave: suicídio; Guarani Kaiowá; território tradicional; identidade

Abstract: This paper is an abridged version of an undergraduate thesis in Psychology, the aim of which is to investigate the occurrence of widespread suicides among young members of the Guarani Kaiowá ethnic group, in the state of Mato Grosso do Sul (MS), in Brazil. The research studies the relation of this phenomenon with the expropriation of these people from their traditional territories and how this fact destroys the necessary conditions for the production of a healthy and self-determined ethnic identity. In order to articulate the discussion, I use the concept of identity from social psychology and its possible extensions. I also interpret a possible foundation of the Guarani Kaiowá ethnic identity – the *tekoha*. The paper also presents a brief bibliographical overview of the historical reports of the Guarani Kaiowá in Brazil, from the colonial period and the beginning of the Republic to the 21st century, focusing in this latter period on the suicides and expropriation of the Guarani Kaiowá from their traditional territories in MS, an expropriation that is legitimized by the Brazilian Government. The research presents quantitative and qualitative data concerning the suicides between the years 2000 and 2014. The methodology used was documental analysis, and much of the sources is available in the internet. The main authors studied were Antônio Ciampa, Émile Durkheim, Sigmund Freud, Viveiros de Castro and Valdelice Veron.

Key-words: suicide; Guarani Kaiowá; traditional territory; identity

Introdução

O presente artigo é um resumo da minha pesquisa de conclusão de curso (TCC) realizada em 2016, na graduação de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A pesquisa em questão investigou os suicídios entre os jovens da etnia indígena Guarani Kaiowá – localizada em diversas regiões do Mato Grosso do Sul (MS) – e a relação causal desse fenômeno com a constante desapropriação desse povo de seus territórios tradicionais, desapropriação essa, legitimada pelo Estado brasileiro. Ainda, a pesquisa procurou entender a relação dos indígenas com o seu território sagrado/tradicional e a importância do mesmo para a produção de uma identidade étnica saudável.

“Indígena” (...) é uma palavra muito antiga, sem nada de “indiana” nela; significa “gerado dentro da terra que lhe é própria, originário da terra em que vive” (VIVEIROS DE CASTRO, 2016)

O desejo de produzir uma pesquisa sobre alguma questão indígena se deu quando eu comecei a entender que os povos indígenas possuem uma vasta sabedoria no que tange à saúde e ao cuidado e a Psicologia – tanto da graduação da PUC-SP, quanto de maneira geral – não só se ausentou no contato com esses povos e sabedorias milenares, como as desconsiderou. O suicídio indígena, por sua vez, é um fenômeno brasileiro que vem crescendo nos últimos quarenta anos, principalmente no século atual. No Brasil, há uma etnia em específico em que os índices de suicídio não só se destacam em relação às demais, como também seus autores são em grande parte jovens – os Guarani Kaiowá.

Tais questionamentos culminaram na produção do meu TCC, e me utilizei da dívida social e histórica de exploração e opressão dos povos indígenas (colonial, estatal, social

e individual), somada à ausência de espaços para pensar as questões indígenas na área da psicologia, como justificativa para a realização dessa pesquisa. Frente à escassez de produções de conhecimento da psicologia sobre os povos indígenas, tive que recorrer a outras áreas do conhecimento para me inteirar sobre o tema, tais como antropologia, sociologia e jornalismo

Este artigo tem como objetivo principal discutir o alto índice de suicídios na etnia indígena Guarani Kaiowá, sobretudo entre os jovens, a partir de um enfoque da psicologia social. Para sustentar e problematizar essa discussão utilizei o conceito de *identidade* da psicologia social, mais especificamente na perspectiva do psicólogo social Antônio da Costa Ciampa.

A escolha da identidade como conceito facilitador das discussões se deu, principalmente, por ser um conceito de bastante destaque na Psicologia para pensar os fenômenos psíquicos que acometem os adolescentes e jovens. Trata-se também de uma discussão que se refere, em última instância, à sobreposição da cultura não indígena capitalista e globalizada sobre a cultura tradicional indígena, o que compromete a possibilidade de reconhecimento e garantia da pluralidade étnica e conseqüentemente da diversidade de identidades no território brasileiro.

Para compreender o fenômeno do suicídio humano, utilizei as ideias do sociólogo Émile Durkheim, por ser um dos primeiros autores a pensar na questão do suicídio como produção social e não mais exclusivamente individual; alguns conceitos do psicanalista Sigmund Freud, tais quais pulsão de vida e pulsão de morte (em sua obra *O Mal Estar na Civilização*) e contribuições de outros autores como o psicólogo José Botega. Em todas as fontes procurei elementos sociais para fundamentar a questão, pois a análise dos suicídios Guarani Kaiowá não deve ser descolada das suas condições sociais e históricas, pois acomete o grupo étnico como um todo.

Sobre identidade

A presente fundamentação sobre identidade parte da perspectiva teórica do psicólogo social Antônio Ciampa, a partir de sua obra *A estória de Severino e a história de Severina* (2009). Segundo o autor, a identidade é o resultado da história de vida do sujeito, bem como de seus projetos de vida, e se apresenta no mundo de maneira estática, como uma fotografia. Quando conhecemos uma pessoa, decodificamos sua identidade de forma imediata e imutável. A ideia que se tem comumente da identidade do Outro, não é a identidade em si, mas uma representação da identidade através de nomes e substantivos, quando na verdade a identidade é *produzida* por uma ação.

A identidade é produzida, portanto, a partir da atividade do indivíduo, e assim, só é possível ser produzida na relação com Outrem. Quando fazemos uma leitura estática sobre esse fenômeno, não só isolamos o indivíduo do social e de sua ação, como negamos a sua atividade. Ainda, a identidade produzida por um indivíduo evidencia tanto uma característica de *igualdade* em relação a um determinado grupo social, como de *diferença*.

Segundo Ciampa, quando o ser humano resignifica sua condição objetiva e/ou subjetiva ele produz uma nova identidade. Dessa forma, a identidade tem qualidade de *metamorfose*, isto é, está em constante transformação em uma “dinâmica real e permanente” (BOCK;FURTADO & TEIXEIRA, 2001, P.269). Para Ciampa, o que caracteriza o ser humano (e a identidade humana) é o seu vir-a-ser humano, que é acompanhado por uma gama de possibilidades, possibilidades essas que só são possíveis de serem metamorfoseadas a partir da materialidade da condição humana.

Na perspectiva de Antônio Ciampa, o mesmo postula dois caminhos possíveis para se pensar a produção de uma identidade: o caminho da *mesmidade* e o da *mesmice*. O caminho para a produção de uma identidade de *mesmidade* possui como principal

característica o protagonismo autêntico do indivíduo. A identidade de *mesmidade* se produz quando o indivíduo consegue transcender os determinantes sociais que lhe foram impostos pelas expectativas do mundo externo, de tal forma que consegue protagonizar uma escolha do que quer ser, e não o que deve ser. Nesse caminho o indivíduo conquista a condição de ser para si, isto é, se torna sujeito do próprio desejo, e não mais sujeito de um desejo que lhe é externo. Tal caminho prevê um sentido de autodeterminação, e ainda que o indivíduo seja regido por determinações externas ele é capaz de escolhê-las.

O segundo caminho, por sua vez, é a identidade que é produzida pela *mesmice*: identidade que se finda apenas nas determinações exteriores do mundo à nossa volta, ou seja, é a produção de uma identidade pressuposta pelo mundo externo, sem que o indivíduo seja capaz de criar uma representação sobre si e para si. No caso da identidade de *mesmice*, o indivíduo internaliza as representações externas impostas pelo meio em que vive (social e familiar) e não consegue, neste processo, se apropriar delas o suficiente para transformá-las em autodeterminação. Vale lembrar que, para o autor, a condição de *mesmice* pode ser tão insuportável para um indivíduo – o qual, por sua vez, não consegue superá-la – que só lhe resta a autodestruição, cujo final pode ser o suicídio (CIAMPA, 2009).

Por fim, ampliando essa lógica de produção de identidade individual para o âmbito social e político, Ciampa entende que esses dois caminhos citados anteriormente se equivalem para a produção de políticas governamentais. Sobre isso o autor diferencia duas possibilidades relacionadas à criação e implementação de políticas públicas em uma sociedade: (1) as políticas de identidade, as quais se equivalem à identidade de *mesmice*, pois é uma política imposta sobre o indivíduo. Um bom exemplo seriam as políticas dos quartéis militares. Sobre essa forma de fazer política, Ciampa nos atenta

que elas dão margem para a criação de políticas de identidade de extinção; (2) o segundo caminho seriam as políticas de identidade política, as quais se baseiam na construção de políticas pelos próprios indivíduos a quem elas se referem, num processo de autodeterminação (mesmidade), e não impostas pelo meio externo e sem participação social (mesmice).

Sobre suicídio

Botega (2007) indica o suicídio como um sério problema de saúde pública, sendo que esse tipo de mortalidade aumentou 60% nos últimos 45 anos no Brasil. O coeficiente brasileiro de mortalidade por suicídio é em média 4,5 por 100 mil habitantes por ano; todavia, o índice em regiões indígenas do Centro-Oeste aproxima-se dos de países do Leste Europeu e da Escandinávia (15-30 por 100 mil habitantes ao ano) (BOTEGA, *apud* GRUBITS, FREIRE & NORIEGA, 2011).

A morte provocada pelo suicídio não é consequência de um desejo de morte, mais de uma necessidade de cessar um sofrimento insuportável. O número de suicídios e tentativas de suicídio presentes no contexto de um indivíduo são as principais influências deste tipo de morte. (CASSORLA *apud* GRUBITS, FREIRE & NORIEGA, 2011)

Tendo em vista os altos índices de suicídios Guarani Kaiowá realizados por jovens, vale pontuar que para Mito (1994), a tentativa de suicídio do jovem não deve ser compreendida como uma doença ou patologia nos moldes clássicos. O ato suicida se enquadra na busca de um sentido de identidade, e o que deve estar presente é um sentido de continuidade entre passado e futuro, sendo que o jovem enfrenta tanto sua experiência passada quanto suas possibilidades futuras. (MIOTO *apud* GRUBITS, FREIRE & NORIEGA, 2011).

Sem dúvida, o suicídio é vulgarmente e antes de mais nada, o ato de desespero de um indivíduo a quem a vida já não interessa” (DURKHEIM, 1978, p. 167).

Segundo as idéias do sociólogo Emily Durkheim, poderíamos entender o ato de desespero que leva um indivíduo a se suicidar como oriundo de estruturas ou conjunturas político-sociais que à vida já não favorecem mais.

A perspectiva de Durkheim a cerca do suicídio enquanto produção social autoriza a análise dos altos índices de suicídio Guarani Kaiowá a partir de uma ótica de condições político-sociais e históricas, e não uma mera soma de casos separados. O que quero dizer com isso, é que o meu foco nesse estudo são menos as características singulares que desencadeiam cada suicídio Guarani Kaiowá, e mais suas qualidades coletivas.

Segundo Durkheim, é a partir da tendência coletiva ao suicídio que se derivam as tendências individuais. Assim, tona-se evidente a relevância do meio social para o suicídio, meio este que não anula as significações singulares da cada indivíduo para cometer tal ato, mas nos alerta sobre a dimensão extra-indivíduo que também age sobre essa decisão. Quando um indivíduo se suicida, por mais que ele possua sentidos e significados particulares para tal, ele também está imerso numa tendência coletiva que o leva a tal ato. Cabe nos então, investigar que condições propiciam mais ou menos tendências suicidas em uma determinada conjuntura social. Com isso, quando pensamos em um planejamento interventivo para tais ocorrências, encontramos mais elementos com os quais podemos manejar; não apenas o sujeito “suicida em potencial”, mas todo um contexto social que o rodeia e o constitui.

A partir das contribuições conceituais da obra *O Mal Estar na Civilização*, entende-se que existem duas qualidades pulsionais na existência humana: a de vida, e a de morte. A pulsão de morte, natural do ser humano, se expressa pelo indivíduo através da agressividade, a qual pode ser desviada para o mundo externo (de certa forma favorecendo a pulsão de vida, pois conserva o indivíduo); ou, quando o indivíduo não o faz, é redirecionado para dentro, em forma de autodestruição. Tal ideia, quando relacionada com o fenômeno de suicídio humano, nos sugere que o suicídio seria então a abundância de pulsão de morte direcionada para o mundo interno do indivíduo, causando-lhe a autodestruição.

Sobre os suicídios Guarani Kaiowá, penso que seu contexto social e histórico os coloca em uma situação de tanta impotência frente ao Outro cultural (Estado, governo, fazendeiros, capitalismo etc.) que lhes é privada também, e inclusive, as possibilidades de direcionarem a pulsão de morte para o Outro, obrigando-os a destiná-la para dentro, o que acarretaria no aumento da tendência à autodestruição.

Compreende-se assim, que o suicídio pode ser o resultado de condições ambientais/sociais que contribuem para um estado pulsional do indivíduo em que: (1) a pulsão de morte está em níveis tão elevados que levam o indivíduo à autodestruição; e/ou (2) que a pulsão de vida está em níveis tão reduzidos que a pulsão de morte impera e também leva o indivíduo à autodestruição.

Método

O método utilizado nessa pesquisa foi de análise documental, e referência bibliográfica que embasa o método escolhido foi o livro *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*, de Menga Ludke e Marli André. Entende-se por documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (Phillips, 1974, p. 187).

A escolha desse método se justifica pela impossibilidade que eu encontrei para realizar uma pesquisa de campo (a qual implicaria meu deslocamento para o território Guarani Kaiowá no MS) por dois motivos: minha limitação temporal para realizar a pesquisa em meio ao semestre letivo, somado à situação de extrema violência em que muitas aldeias Guarani Kaiowá se encontram na atualidade decorrente do conflito com os fazendeiros do agronegócio, e que exigiria algumas medidas de segurança para a coleta dos dados. Ainda, o fato de eu estar investigando a ocorrência de suicídios inviabilizou, obviamente, a possibilidade de entrevistar os sujeitos

Além do suporte teórico que utilizei através de autores da Psicologia, Antropologia e Sociologia, grande parte das minhas fontes de conteúdo provém de documentos, os quais foram, em sua maioria, retirados de sites de instituições governamentais (ou não) destinadas ao cuidado da população indígena brasileira. As principais fontes de coleta de dados foram através de mídias virtuais e sites das seguintes instituições: Fundação Nacional do Índio (FUNAI); Povos Indígenas do Brasil, na plataforma online do Instituto Socioambiental (ISA); e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Os principais documentos utilizados foram: “Os relatórios de violência contra os povos indígenas no Brasil”, publicados nos anos de 2003 até 2014 pelo CIMI em formato PDF; e notícias referentes à situação territorial e de suicídios Guarani Kaiowá retirados do banco de notícias do site do ISA (com as quais eu realizei a contextualização histórica desse povo nos anos 2000).

Em relação aos dados obtidos a cerca dos suicídios, vale pontuar que existe uma discussão bastante polêmica nas áreas do jornalismo e da comunicação sobre o noticiamento de casos de suicídio. Tal polêmica coloca duas problemáticas em questão: o caráter indutivo do noticiamento dos casos de suicídio, isto é, a capacidade de influenciar novos casos de suicídio; e a dicotomia social (e da mídia) entre o interesse

público *versus* o privado. Essa pesquisa defende que a imprensa deveria sim fazer as notificações dos casos pelos seguintes motivos: (1) a possibilidade de se compreender mais a fundo as possíveis motivações e contextos que levam um indivíduo a se suicidar; (2) a possibilidade de se inaugurar uma discussão pública sobre a prevenção do fenômeno e os cuidados com os familiares e com o entorno social de um caso de suicídio; (3) a responsabilidade jornalística com o coletivo; (4) a contribuição para uma discussão de interesse da saúde pública. (BARBOSA, OGASAWARA & BENAZZI, 2010).

Uma vez em contato com os documentos, o procedimento metodológico empregado se deu a partir da seleção, leitura e interpretação do conteúdo dos documentos. A interpretação do conteúdo desses documentos levou em conta o contexto histórico, social e institucional das fontes pesquisadas, bem como o meu arcabouço teórico para embasar o tema.

O enfoque da interpretação também pode variar. Alguns poderão trabalhar os aspectos políticos da comunicação, outros os aspectos psicológicos, outros ainda os literários, os filosóficos, os éticos e assim por diante. (LUDKE & ANDRÉ, 2011, p. 41)

Por último, utilizei como documento a gravação de um vídeo sobre a mesa de debate “Entre a aldeia e a cidade: Estado, Território e Identidade na visão dos Povos Indígenas”, que ocorreu no dia 29/07/2011 no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP). A partir desse vídeo, extraí informações da fala da liderança indígena

Guarani Kaiowá, Valdelice Veron, para me aproximar de alguns pilares básicos da identidade étnica Guarani Kaiowá.

Histórico de contato

Constata-se, através de artefatos arqueológicos, que os índios Guarani habitavam territórios brasileiros, uruguaios e paraguaios pelo menos desde o século V d.C. No séc. XVI, os colonizadores portugueses e espanhóis tiveram o primeiro contato com esse povo, os quais na época residiam no litoral brasileiro da região de Cananéia (litoral de São Paulo) até o Rio Grande do Sul, Uruguai e Paraguai.

Com o contato entre índios e colonos, os primeiros viram responsabilidade da Missão Jesuíta, a qual visava catequizá-los. Os Guaranis estavam espalhados por vários territórios, assim, para facilitar a ação jesuíta sobre os mesmos, os jesuítas criaram os “aldeamentos” ou “reduções” – os quais eram territórios reduzidos e específicos para a população Guarani – que facilitavam tanto o processo de catequização quanto o de desterritorialização, cerceamento e exclusão dos povos indígenas.

Com o tempo, uma contradição foi se colocando para os colonos: o interesse pela mão de obra escrava dos indígenas foi impossibilitado conforme eles eram catequizados, uma vez que para os jesuítas as “almas” catequizadas não podiam servir à escravidão (ainda assim, não se pode esquecer que muitos indígenas foram vítimas da escravidão; Ellis Jr. (1946) “calcula em 356.720 o número de índios tornados escravos nos séculos XVI e XVII” [ISA, 2016]). Dessa forma, os Guaranis passam a ser preferidos longe dos territórios de interesse coloniais: os centros urbanos.

Com esse processo de translação, a etnia Guarani foi dizimada (tanto por violência física, como por pestes e doenças trazidas pelos portugueses) e forçosamente separada, dando origem aos três subgrupos Guarani: os Kaiowá, Nhandeva e Mybia. Na segunda metade do século XVII uma parte dos Guarani Kaiowá chegaram no território

do Mato Grosso do Sul, e hoje, somam um total de aproximadamente 31.000 habitantes na região. (Funasa, Funai, 2008, apud ISA, 2016).

Em 1870, o território Guarani Kaiowá passou a ser alvo de diversas frentes de exploração econômica. Inicialmente o território foi alvo dos interesses da indústria de erva mate. Em 1910, em decorrência da forte ameaça que os índios sofriam por parte dos fazendeiros do agronegócio, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI, o qual foi a primeira instituição brasileira destinada a cuidar da situação indígena, sendo posteriormente substituída pela FUNAI) criou oito reservas indígenas Kaiowás e Ñandeva as quais supostamente os protegeriam dos conflitos em pauta, todavia acabaram viabilizando o controle político da população.

Por volta de 1940, a partir do ideal político da “Marcha para o Oeste”, o presidente na época Getúlio Vargas, subsidiado judicialmente, criou a CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados) em meio ao território tradicional Kaiowá, que visava facilitar o acesso das famílias dos colonos de todo o Brasil para o território em questão. Em 1970, a economia brasileira cria o Pró-Alcool, que instaura as primeiras usinas de açúcar na região. Neste contexto, se tornam crescentes as denúncias de trabalho escravo e super exploração de mão de obra indígena e não indígena na região (FUNAI, 2016).

Na década de 1980, com a promulgação da nova constituição da República (1988), as comunidades indígenas começaram a se organizar politicamente frente ao Estado, principalmente em relação à retomada de suas terras sagradas, ancorados pela Constituição de 1988, a qual prevê o território tradicional como direito indígena. Ainda nesta década, se iniciou um movimento político Guarani Kaiowá de grande importância: a criação da Grande Assembléia Aty Guasu. Durante esse período até os dias de hoje, a relação entre os indígenas com os não indígenas (principalmente os fazendeiros) que residem no MS, é marcada por conflitos extremamente violentos e opressivos. Segundo

o site da Assembléia Aty Guasu, os fazendeiros recorrem a duas alternativas para lidar com os conflitos territoriais:

Primeiro, passaram a recorrer a pistoleiros (...) que despejam os indígenas dos locais reocupados, além de assassinar, massacrar, torturar crianças, mulheres e idosos indígenas. Os pistoleiros e seus contratantes agem impunemente há décadas na região [...]. Quando os pistoleiros não conseguem efetuar o despejo, os fazendeiros contratam advogados para conseguir a ordem de despejo da Justiça Federal, a ser realizada pelas forças policiais. A forma de agir dos agentes policiais não difere muito da dos pistoleiros [...] (ATY GUASU, 2012)

A partir dessa breve retomada histórica acerca do povo Guarani Kaiowá no Brasil, torna-se evidente qual é a real prioridade da República e do Estado Brasileiro no que tange aos direitos indígenas: favorecer o agronegócio. As explorações coloniais e estatais sobre os Guarani Kaiowá culminaram, dentre várias coisas, em um processo sistêmico de desapropriação de suas terras de direito e transferência indígena para terras não tradicionais, exploração da mão de obra indígena; desmatamento dos territórios tradicionais; disseminação de doenças; extermínio étnico e cultural, desestruturação da organização política e social desse povo e em última instância, em um massacre indígena brutal legitimado e efetuado pelo nosso país.

Situação atual dos Guarani Kaiowá

Esta seção contém um breve recorte histórico acerca da situação territorial e de suicídios da etnia Guarani Kaiowá no município de Dourados. Inicialmente, realizei um levantamento de notícias midiáticas envolvendo o povo Guarani Kaiowá, a partir do banco de notícias do site do Instituto Socioambiental (ISA, 2016). Dado o vasto número de notícias encontrado, criei os seguintes filtros para selecionar as notícias com as quais

iria trabalhar: (1) notícias sobre o povo Guarani Kaiowá; (2) entre o período de 2000 a 2015; (3) referentes à região territorial de Dourados (uma vez que o Relatório de Violência contra os Povos Indígenas no Brasil, publicado pelo CIMI em 2014, aponta que o segundo maior índice de suicídios no MS é desse município); (4) manchetes que tratam dos temas suicídio e território. Nesse levantamento, encontrei 139 notícias, sendo 49 referentes a suicídios e 90 sobre território.

As informações trazidas pelas notícias nos ajudam a elucidar um recorte do panorama dos suicídios e das demarcações de terras indígenas em Dourados: apesar desse assunto estar em pauta durante esses quinze anos, nenhuma terra Guarani Kaiowá foi demarcada e nenhuma reserva foi ampliada no município de Dourados. Pelo contrário, os Guarani Kaiowás são forçosamente transportados de território em território à mercê das decisões judiciais sobre as posses de terras, as quais aprovadas e desaprovadas mensalmente e são pautadas unicamente pela demarcação física e jurídica das terras, sem uma preocupação com as qualidades ambientais e as relações sociais. Ou seja, nada é efetivado na prática. (MELO E SOUZA, 2009)

Enquanto isso, genocídio, escravidão, holocausto e a permanência dos altos índices de suicídios Guarani Kaiowá são noticiados, mas nenhuma medida governamental foi anunciada para reverter tal cenário (com exceção da implantação de um programa de saúde mental no MS em 2007), o que sugere que as intervenções do Estado Brasileiro são pífias em relação à grandiosidade do problema.

Suicídios Guarani Kaiowá no Mato Grosso do Sul

Os dados com os quais irei trabalhar foram retirados dos “Relatórios de Violência contra os povos indígenas no Brasil”, publicados anualmente pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI). No caso, utilizei o capítulo III– Suicídios e Tentativas de Suicídios- dos relatórios de 2003 até 2014. Nesses documentos, encontrei (na

maioria dos casos) dados referentes ao nome da vítima, etnia, terra indígena onde residia, local do suicídio, idade, circunstâncias e o meio empregado. Em relação à categoria circunstância, em muitos casos é descrito que “não se sabe ao certo o que poderia ter motivado a vítima”.

Tenho consciência de que pressupor uma motivação objetiva para um ato suicida é algo no mínimo criticável. Todavia, me chamou a atenção nos relatórios a ocorrência de suicídios em pessoas consideradas “saudáveis”. Não pretendo adentrar a definição de saúde, mas insisto em frisar que o alto número de suicídios cometidos por pessoas pelas quais tal inclinação não era esperada, não apresentavam nenhum conflito existencial a priori, condição psíquica diagnosticada como depressiva ou ansiosa, e nem estavam envolvidas em brigas interpessoais ou uso de álcool e/ou outras drogas, me permite supor que as causas então envolvidas provêm de fatores que transcendem o indivíduo, fatores esses do âmbito sócio-político e histórico.

A partir dos casos de suicídio noticiados pelo relatório considero que o meio empregado para os suicídios Guarani Kaiowá foi, em sua maioria, o enforcamento, no qual as vítimas se utilizaram das ferramentas mais variadas: lençol, pano, corda, camisa, cadarço de tênis, fio de nylon, cinto, alça de bolsa, meia de futebol, faixa de judô, sacola de náilon e cordão de shorts. Tal variedade me chama a atenção, pois me faz questionar qual era o tamanho do desespero da vítima que a levou a improvisar as mais diversas maneiras de garantir sua morte. Além do enforcamento, outros meios foram empregados, tais quais envenenamento, estrangulamento, arma de fogo, facada, atropelamento, entre outros.

No relatório publicado em 2014, encontrei uma tabela produzida pelo CIMI, na qual o total de suicídios informados por ela superava a soma dos casos descritos nos relatórios anteriores. Dessa forma, foi com essas informações que trabalhei. Na tabela, a

maior incidência de suicídios no Mato Grosso do Sul por faixa etária é dos 15 aos 19 anos (36%), seguido pela faixa dos 20 aos 29 anos (27%). As faixas menos vulneráveis são dos 40 aos 59 anos (em média 3%). Em relação às localidades, o maior índice de ocorrência é no município de Amambai (38%), seguido pelo município de Dourados (17%). Em relação ao número de casos, é devastador o **total de 707 casos de suicídios no Mato do Grosso do Sul entre os anos 2000 a 2014**. O ano com maior índice foi 2013, com 73 casos registrados, seguido pelo ano de 2008, com 59. Nota-se, anualmente, que o número de suicídios não apresenta diminuição considerável, com apenas algumas variações sutis, mantendo uma média, ao longo desses quinze anos, de **47 suicídios por ano**. Tal fato aponta para a necessidade urgente de uma reavaliação das medidas públicas governamentais implicadas para prevenir e cuidar do fenômeno.

Pode-se resumir que: os jovens indígenas de hoje convivem sem apoio familiar, com amigos efêmeros, sem saber qual é o seu lugar, vivem o dia a dia sem quase nunca conjugar o verbo no futuro, o máximo é o futuro muito próximo do amanhã. Carregam um trauma humanitário cheio de histórias contadas por seus parentes, histórias de exploração, violências, mortes, perda da dignidade, enfim, a história recente de muitos povos indígenas. (CIMI, 2013, p.80)

Ilustração de um pilar da identidade Guarani Kaiowá

Esta seção pretende ilustrar um traço da identidade étnica do povo Guarani Kaiowá. A principal fonte utilizada para tal foi a fala de Valdelice Veron – liderança Guarani Kaiowá – em um vídeo palestra intitulado “Entre a aldeia e a cidade: Estado, Território e Identidade na visão dos Povos Indígenas”, e gravado no dia 29/07/2011 no CRP de São Paulo (Conselho Regional de Psicologia). Entendo essa análise como uma

ilustração, pois o que farei aqui é um recorte interpretativo dos elementos culturais Guarani Kaiowá, uma vez que eu não compartilho dessa identidade étnica e não pertencço a esse grupo.

Entendendo a forte determinação que a linguagem tem sobre a constituição do indivíduo e da sociedade, decidi recorrer à língua guarani, falada pelos Guarani Kaiowá, para pensar sua identidade. "A língua, ou, melhor, a palavra, para os Guarani da atualidade assume relevância cosmológica e religiosa, representando importante elemento na elaboração da identidade étnica" (ISA, 2016).

Em minhas investigações, encontrei a palavra *Tekoha*, a qual possui grande importância na constituição do sujeito Kaiowá, bem como aparece com frequência nas bandeiras das militância políticas desse povo. Assim, convido o leitor a um exercício de suposição sobre as teias de significados que podem estar por trás da palavra *tekoha*, a partir, é claro, das teias de significados da minha cultura (não indígena, capitalista e com os devidos recortes sociais).

Pois bem, segundo Valdelice Veron explica na palestra, existem três pilares da tradição que não podem ser desassociados para o Kaiowá, os quais são expressos através de três palavras: *teko* (vida), *tekoha* (território) e *nhe'e* (língua). De acordo com Veron, existem também 17 tópicos do conhecimento tradicional Kaiowá que devem ser repassados para as crianças, para que elas se tornem Kaiowá.

Esses são os conhecimentos repassados que dão vida e a constituição da pessoa que forma o bom Kaiowá e Guarani [...] Nós os Kaiowá somos inspirados nessa educação e crescemos buscando os valores sociais e a essência da vida fortalecida por esse ensinamento [...] Para ter todo esse repasse de conhecimento, a gente precisa do território. Muitas vezes os lugares de repasse de conhecimento não é só entre quatro paredes, é no território de caça, no território de pesca, no território de banho, no

território onde as mulheres catam os remédios. Então aconteceu uma ruptura muito grande né, com as criações das reservas indígenas no Mato Grosso do Sul [...] (Veron, in CRP, 2011)

Dentre os 17 conhecimentos tradicionais comentados por Veron na palestra, elenquei um de suma importância para esse artigo, o *Tekoha nhê'ê*, que é traduzido para “Vida-terra-língua: A vida, o território e a língua são a essência da vida do Kaiowá e Guarani. Portanto, sem terra não haverá vida e sem vida não haverá língua.” (Veron, in CRP, 2011)

A citação de Veron frisa a importância do território sagrado para o repasse e perpetuação da tradição e, conseqüentemente, para a produção da identidade étnica “ser um bom Kaiowá”. Tal fato é expresso principalmente na tríade elementar da cultura Kaiowá: vida-território-língua (*tekoha nhê'ê*).

O lugar vivido ou o espaço vital, *tekoha* na língua guarani, está intimamente ligado às raízes dos valores e da identidade do povo Kaiowá. Assim, se uma etnia perde seu território, perde também as possibilidades de sobrevivência do grupo, pois o território é o lugar simbólico de convivência. (MELO E SOUZA, 2009, p. 69)

A partir desses breves reflexões, podemos entender o *tekoha* como o modo de vida do Kaiowá, modo esse que só é possível de ser materializado em seu território tradicional. Assim, o *tekoha* é também o território que garante as condições ideais para a constituição de um ser Kaiowá.

Considero então, que o território tradicional da etnia Guarani Kaiowá (*tekoha*), constitui um dos pilares básicos para a produção da identidade étnica desse povo, sendo

de suma importância que sua relevância e significado sejam respeitados pelo Estado Brasileiro nas demarcações das terras indígenas.

Considerações finais

A partir do que foi exposto nesse artigo, defendo que a identidade é produzida através da ação na relação com Outrem em um ambiente social. As ações que produzem a identidade étnica Guarani Kaiowá, por sua vez, precisam de espaços específicos do território tradicional, ancestral e, portanto, sagrado, para acontecerem. Como lembra Veron, o repasse dos conhecimentos tradicionais não se dá apenas entre quatro paredes, precisa-se do território de pesca, caça, banho, plantas, etc. Tendo isso em vista, a concepção de que a identidade étnica é inata ao seu grupo étnico é uma falácia. Ao contrário, vimos que a identidade étnica Guarani Kaiowá é construída ao longo da vida, principalmente na primeira infância na relação com a terra. Deste modo, a identidade Guarani Kaiowá transcende a dimensão individual, necessitando do entorno social e do ambiente específico para ser produzida.

Vimos aqui que a luta desse grupo em questão me parece ser não só pelo território, pela língua e pela vida, mas pela preservação da possibilidade de produção de uma identidade étnica de *mesmidade*, ou seja, de uma identidade autêntica e protagonizada pelo grupo, e não imposta por determinações externas. Vale lembrar que o caminho da *mesmidade* também implica transformações, todavia, o manejo (consciente ou não) das transformações (tanto objetivas quanto subjetivas) que esse processo produzirá na identidade grupal e na tradição Kaiowá ao longo da história, cabe apenas aos Guarani Kaiowá, num sentido de autodeterminação étnica.

Nessa discussão de como acontece versus como deveria acontecer, o presente trabalho apontou que o Estado brasileiro criou (e cria) *políticas de identidade* pré-determinadas, impondo aos Guarani Kaiowá seu modo de vida (que em última instância

visa “jogá-los” dentro do capitalismo), caracterizando tais políticas como *políticas de extinção* e extermínio da identidade e, conseqüentemente, do grupo; não favorecendo *identidades políticas*, as quais no mínimo caminhariam no sentido de integrar os Guarani Kaiowá nos espaços de discussão e decisão sobre as políticas públicas destinada a eles e aos povos indígenas de forma geral.

Vale comentar que essa maneira de fazer política para os povos indígenas nasceu marcada pela colonização brasileira de exploração a partir de políticas predatórias, e hoje se mantém com as mesmas lógicas só que com outros contextos, nomes e idades.

A partir da pesquisa, pode-se considerar que as políticas públicas vigentes voltadas para os Guarani Kaiowá parecem colocá-los em uma situação em que a possibilidade identitária de *mesmidade* está absolutamente vedada em função dos limites que lhe são colocados, tanto limites objetivos, como subjetivos e simbólicos. Ainda, abuso de poder, ameaças, homicídios, violência sexual, racismo e discriminação étnico cultural, subnutrição, desassistência na área da saúde, da educação e de forma geral, falta de acesso à lazer e segurança, desapropriação territorial, entre outras características das realidades dos povos indígenas no Brasil, denunciam políticas governamentais que favorecem a *pulsão de morte* e, conseqüentemente, o aumento das *taxas sociais de suicídio* desses povos.

Em relação aos suicídios investigados nessa pesquisa, considero que a etnia Guarani Kaiowá se encontra numa situação de calamidade social, principalmente no que tange à saúde mental do grupo. O número de 707 suicídios na etnia Guarani Kaiowá entre os anos 2000 a 2014 nos permite diagnosticar tal situação como sintoma social, isto é, que está diretamente relacionado com as condições materiais e históricas da realidade objetiva e subjetiva do grupo em questão. Ainda, tendo em vista a dificuldade de divulgação do suicídio nas mídias, esse número total encontrado, ainda que

exorbitante, sugere não contemplar a grandiosidade do fenômeno. Essa dificuldade de documentação e divulgação dos suicídios dificulta também o planejamento de medidas interventivas, ainda mais quando o fenômeno em questão se correlaciona com as políticas governamentais vigentes.

Considero por último, que os suicídios da etnia Guarani Kaiowá no estado do MS possuem uma alta correlação com a desapropriação do território tradicional, seja pelos documentos apresentados na pesquisa, assim como pela reflexão teórica desenvolvida. Tal conclusão aponta para a necessidade imediata de reavaliação das políticas e medidas governamentais destinadas aos povos indígenas do Brasil, políticas essas que atualmente contribuem fortemente para a perpetuação de uma lógica de exploração e violação dos direitos básicos e humanos desses povos.

Por último, gostaria de salientar que as possibilidades reais que se mostram para o enfrentamento desse contexto ainda me parecem nebulosas uma vez que me considero “engatinhando” no tema para planejar intervenções concretas. Todavia, podemos começar do começo, contribuindo para a ampliação desses dados, divulgação da realidade dos povos indígenas no Brasil, principalmente na área da Psicologia, e lutando para fortalecer a militância política com os povos indígenas, uma vez que eles (assim como eu, não indígena) dependem do Estado e das políticas públicas para conquistar seus direitos.

Referências Bibliográficas

ATY GUASU. "Aty Guasu - Guarani e Kaiowá". Site em: <http://atyguasu.blogspot.com.br/>, 2012.

BARBOSA, A.C.; OGASAWARA, R. & BENAZZI, L.A. Jornalismo e Suicídio: ética e noticiabilidade. *Intercom 2010*. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2-6/10/2010. 11 pgs. Online: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3072-1.pdf>

BOTEGA, N.J. Comportamento suicida: epidemiologia. *Psicologia USP*, v. 25, n. 3, p. 231-36, 2014. Online: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0231.pdf>

CIAMPA, A.C. *A estória de Severino e a história de Severina*. São Paulo: Brasiliense, 2009.

CIMI. Conselho Indigenista Missionário. Site oficial, 2016. <http://cimi.org.br/site/pt-br/>

CIMI. Relatórios de Violência contra os Povos Indígenas do Brasil <http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=publicacoes&cid=30>

CRP. "Entre a aldeia e a cidade: Estado, Território e Identidade na visão dos povos indígenas". Vídeo-palestra enfocada na fala de Valdelice Veron, gravada no Conselho Regional de Psicologia, São Paulo, em 29/07/2011. Disponibilizada por Adriana Eiko.

DURKHEIM, É. *O suicídio: estudo sociológico*. Trad. L. Cary, M. Garrido & J.V. Esteves. Coleção Os Pensadores, 2ª ed. Introdução, Livro II Cap. 1 e Livro III, Cap. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1978, pp. 163-202. Orig. em francês: 1897.

FREUD, S. *O mal estar na civilização*. Texto copiado integralmente da edição eletrônica das obras de Freud, versão 2.0 por TupyKurumin. 49 pgs. Disponível online: [http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Livro%20-%20O%20Mal-Estar%20na%20Civiliza%20e%20\(Sigmund%20Freud\).pdf](http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Livro%20-%20O%20Mal-Estar%20na%20Civiliza%20e%20(Sigmund%20Freud).pdf). Original em alemão: 1930.

FUNAI, Fundação Nacional do Índio. Site oficial, 2016. <http://www.funai.gov.br/>

FUNAI, História e Cultura Guarani <http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/1947-historia-e-cultura-guarani?highlight=WyJndWFyYW5pIiwia2Fpb3dcdTAwZTEiLCJndWFyYW5pIGthaW93XHUwMGUxIIO=&limitstart=0#>

GRUBITS, S.; FREIRE H.B.G. & NOGUEIRA, J.A.V. Suicídio de jovens Guarani/Kaiowá de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, n. 3, 504-17, 2011.

ISA. Instituto Socioambiental. Site dos Povos indígenas do Brasil, 2016.
<https://pib.socioambiental.org>

ISA - Banco de notícias sem filtros
<https://pib.socioambiental.org/pt/c/noticias>

ISA - Introdução
<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa>

ISA - Histórico de Contato
<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/549>

ISA - Nome
<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/550>

ISA - Língua
<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/551>

ISA - Localização e Tekoha
<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/552>

ISA - Terras Indígenas
<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/553>

ISA - População
<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/554>

ISA - Organização Social
<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/555>

LUDKE, M. & ANDRÉ, M.E.D. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2011.

MELO E SOUZA, A.M. *Ritual, identidade e metamorfose: representações do Kunumi Pepy entre os índios Kaiowá da Aldeia Panambizinho*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Grande Dourados, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, E. "Os involutários da pátria". Aula pública durante o ato Abril Indígena, Cinelândia, Rio de Janeiro, 20/04/2016. Online: <http://provocadisparates.blogspot.com.br/2016/04/os-involuntarios-da-patria-eduardo.html?m=1>